




# O feminino e as drogas na atualidade



**Ana Laura Prates Pacheco**

Psicanalista, AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (FCL-SP), Doutora em Psicologia Clínica pela USP. Autora do livro "Feminilidade e experiência psicanalítica" (São Paulo, FAPESP/Hacker, 2001).  
analauraprates@terra.com.br



## Resumo

Neste trabalho, questiona-se a possibilidade de pensar uma especificidade da relação da mulher com a droga, tal como apontam algumas pesquisas que colocam as mulheres dependentes químicas como um subgrupo específico. Verifica-se que o termo mulher, neste caso, refere-se ao gênero feminino. Apresenta-se, então, o ponto de vista da psicanálise à questão da sexuação humana que, a partir de Freud e, sobretudo, da releitura proposta por Lacan, articula a mulher a uma dada inscrição num modo de gozo não todo fálico. Sem pretender sobrepor a realidade do comportamento à do significante, propõem-se, entretanto, algumas articulações possíveis entre o feminino e as drogas a partir da afirmação de Lacan (1975) de que a droga permite romper o casamento com o falo. A partir dessa hipótese, apresenta-se um caso clínico que permite acompanhar o lugar da droga na economia libidinal de uma mulher.

## Palavras-chave:

Feminilidade; droga; mulher; dependência química; psicanálise.





## O feminino e as drogas na atualidade<sup>1</sup>

Ao receber o convite para falar no evento “Leituras psicanalíticas e o uso de drogas na atualidade”, entendi, como psicanalista, que ao ser convocada a ler, certamente algo deveria estar escrito. Haveria traços decifráveis, legíveis, sobre o uso de drogas e, mais ainda, a suposição de uma especificidade desse uso – tão antigo quanto a própria humanidade – no mundo contemporâneo. Quanto a essa leitura psicanalítica possível, gostaria de lembrar uma advertência que Lacan (1998) faz aos psicanalistas em “Função e campo da fala e da linguagem” (1953):

Que renuncie a isso (à psicanálise) quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas (p. 322).

Resgatando a afirmação de Lacan a respeito da função do analista de “intérprete na discórdia das línguas”, gostaria de comentar, especificamente, o título desta mesa: “O feminino e as drogas na psicanálise”. Confesso que fiquei bastante intrigada com sua gramática e também muito inclinada a dela fazer minha *leitura*.

A primeira questão que me ocorreu é se o adjetivo *feminino* (aqui curiosamente substantivado) e o substantivo *droga* podem, de fato, ser encontrados na psicanálise. A resposta será claramente afirmativa se levarmos em conta seu aparecimento no corpo teórico psicanalítico. Freud e Lacan, minhas referências teóricas privilegiadas, bem como seus seguidores, trataram fartamente da mulher (substantivo em relação ao qual o adjetivo *feminino* faz referência), bem como da *droga*, embora a articulação entre ambos não seja encontrada tão facilmente. Entretanto, se pensarmos em elevar esses termos à categoria de conceitos, talvez tenhamos que admitir que ambos não possam ser acolhidos pela psicanálise.

A psicanálise, por não ser uma teoria de gênero, não concebe “o” femi-

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado no Colóquio “Leituras psicanalíticas e o uso de drogas na atualidade”, promovido em 2003 pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e pelo PROMUD (Programa de Atenção à Mulher Dependente Química). Ele foi apresentado na mesa “O feminino e as drogas na psicanálise”.



nino como conceito: antes de tudo, lida com o sujeito; a sexuação é um fato de discurso. Tampouco a droga – já que a psicanálise não é essencialista – poderia ser considerada uma categoria psicanalítica específica, tratando-se tão somente de mais um objeto (ou, brincando um pouco com as palavras, um objeto “a mais”). Assim, rigorosamente falando, já que a psicanálise, sobretudo a de orientação lacaniana, privilegia em seu corpo teórico o universal da estrutura (embora trate, na clínica, do acontecimento singular na estrutura), o que ela pode propor é um avanço no debate a respeito da especificidade da relação sujeito-objeto no ser humano. Esse seria, digamos, seu campo propriamente dito ou, como diz Lacan, no seminário 17 - “O avesso da psicanálise”-, o campo do gozo.

Falar da relação sujeito-objeto no ser humano, segundo a psicanálise, implica falar do gozo; um gozo, no entanto, aparelhado pela linguagem. Entretanto, ao me autorizar, aqui, a exercer minha função de “intérprete na discórdia das línguas”, penso que não se pode recuar em relação ao desafio de tentar articular (numa conjunção disjuntiva) o sujeito *feminino* com o objeto *droga*. Considero, portanto, que esse seja um trabalho de interlocução entre campos distintos, entre línguas distintas: psicanálise e teoria de gênero, psicanálise e neurociências e, por último, mas não menos importante, a *heteridade social*, a Outra língua da mulher, tal como propõe a psicanálise. Tentarei fazer essas pontes em três breves tempos:

## 1) O feminino na psicanálise

De modo geral, há uma polarização quanto ao encaminhamento dado às questões sobre o feminino: por um lado, considera-se que há uma feminilidade em si mesma, ou seja, inerente ao fato de se nascer do sexo feminino, com genitais femininos. Essa essência feminina estaria respaldada pela Biologia, embora repercutisse na constituição psíquica. Por outro lado, opera-se com uma distinção entre sexo anatômico e gênero, sendo esse último uma construção da cultura: as características atribuídas ao feminino seriam flexíveis e determinadas por razões histórico-culturais.

Esse debate necessariamente aponta para a seguinte questão: de que ordem são as diferenças sexuais humanas? Há ou não uma sexualidade que possa ser chamada de feminina? O conceito de feminilidade como construção talvez seja um dos aspectos da teoria freudiana em que melhor se evi-



dência seu vínculo paradoxal com o organicismo vigente na época e o caráter radical da psicanálise no sentido de fundar um novo campo epistemológico. A leitura estruturalista que Lacan faz de Freud oferece uma possibilidade de superação do impasse encontrado nos debates psicanalíticos sobre a feminilidade que ora aprisiona a mulher no circuito fálico – cuja consequência mais notória é o problemático alinhamento entre mulher e mãe (o filho substituindo o falo perdido) –, ora resgata a especificidade não-fálica da sexualidade feminina baseada em seu destino anatômico, retornando a uma concepção biológica da sexualidade humana.

Lacan resgata o radicalismo do próprio Freud à medida que articula o falo simbólico como produto da metáfora paterna, como operação lógica que possibilita que o sujeito neurótico dê um sentido – no plano da fantasia inconsciente – ao significante da falta do Outro tomado como demanda: o que o Outro quer de mim? O falo, então, é aquilo que regula e contorna o gozo impossível, unindo o desejo à lei. A operação da metáfora paterna, portanto, além de estruturante para o sujeito é também um ato de sexuação, pois a tomada de posição em relação ao falo no nível do sê-lo ou tê-lo revela aí toda a sua importância. Assim, vemos que o sexo feminino não deixa morrer a pergunta de por que precisamos do artifício do desvio fálico para construir uma diferença que está dada *a priori* na natureza. Se a significação fálica, por um lado, permite aos seres falantes se posicionarem em relação ao desejo do Outro, institui, ao mesmo tempo, um “a mais” ao gozo fálico. É para “dar conta do que não se conta”, ou seja, desse Outro gozo, que Lacan irá subverter a lógica aristotélica para escrever a “não relação sexual”. Para fazê-lo, introduz a negativa no quantificador universal, escrevendo que a mulher é “não-toda” inscrita na função fálica. Os sujeitos inscritos do lado mulher, o lado “não-todo”, portanto, não entram com tudo na linguagem. Podemos também apreender dessa lógica que não há conjunto de mulheres; o grupo é sempre homossexual – já que o *heteros* descompleta. A mulher se articula a esse impossível, ao limite da linguagem, incurável, intratável...

Seria possível curar um sujeito dos efeitos d’A Mulher? Contradizendo as propostas da sexologia e da farmacologia, ousou dizer que a psicanálise, desde Freud, não cura “A mulher”. A psicanálise nos ensina que falta régua e compasso para localizá-la. Assim, talvez possamos entender o mal-estar que o desejo feminino provoca na civilização; incômodo que, em alguns casos extremos, chega ao horror ao feminino, exemplificado pela imposição ao



uso da *burka*, em alguns países do Oriente Médio: o tal “algo” na mulher – que Camille Claudel nomeou “alguma coisa de ausente” – que escapa à civilização, ao nome, ao falo... essa fora da lei “que não tem governo, nem nunca terá” faz com que “A Mulher” sempre escape e nunca esteja onde se julga possível encontrá-la. Mas, mesmo não-localizável, ela volta, via mascarada, fingindo existir, mesmo que seja fingindo-se de homem, como coloca Lacan em relação à histeria. Não existe mulher honesta, dizia Nelson Rodrigues, tentando forjar um ponto de identificação possível para o conjunto das mulheres. “Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir?” – pergunta Caetano Veloso. O sintoma que faz existir “A Mulher” cria nomes. Por exemplo: mãe, esposa de fulano de tal. O que acontece, entretanto, quando a máscara cai?

## 2) As drogas na psicanálise

No texto “A psicanálise não é uma Neurociência” (2002), Gabriel Lombardi diz que:

A ruptura da psicanálise deixou um hiato irreversível cujas conseqüências rigorosas o próprio Freud sofreu. Não há relação entre os discursos sobre os neurônios e o discurso sobre a neurose [...]. O psicanalista, tanto em seus métodos quanto na reflexão sobre seus métodos, não pode esquecer esse gesto de ruptura radical com o saber de seu tempo. Adiante, ele acrescenta: a psicanálise pode incitar a ciência a rever sua ciência e pode sempre o fazer a partir deste ponto de interrogação: que lugar a ciência reserva para o sujeito, definido como o efeito de divisão da linguagem sobre o vivente? (p. 92)

Se levarmos essa questão a sério, será preciso nos perguntar qual o sentido, para a psicanálise, da definição de “dependência química a uma ou mais substâncias psicoativas”. Qual o lugar para o sujeito, se a relação do indivíduo com o objeto estivesse determinada organicamente? E mais: não se pode prescindir, aí, de certa especificidade quanto às características intrínsecas ao próprio objeto – no caso, a droga.

Em seu texto “Mais-além dos fenômenos” (1989), François Leguil esclarece que o que se pode esperar de um diagnóstico é “que ele só diga as maneiras como se repartem, na estrutura, os efeitos de uma confrontação com o



enigma do desejo do Outro e não as que permitem dividir os fenômenos em função de modelos dados" (p. 61). Portanto, o diagnóstico em psicanálise é deslocado do sintoma para a lógica da fantasia e só serve, como diz Leguil, "para visar a causa, numa iniciativa necessária à própria orientação do psicanalista" (p. 62). Assim, um diagnóstico, diferentemente de uma etiqueta, é um dos meios de se orientar num tratamento (p. 69). E ele adverte:

Agarradas a um aparelhamento teórico datado, demarcáveis na história das idéias da clínica, numerosas invenções diagnósticas posteriores à obra de Freud, todas pouco ou muito fundadas numa concepção do desenvolvimento psíquico, não indicam senão mediocremente o que se pode extrair de um tratamento, e muito mais aquilo sobre o que se espera: o alinhamento do paciente.

A toxicomania, do ponto de vista da psicanálise, parece ser mais uma dessas invenções diagnósticas e, nesse sentido, compartilho do ponto de vista defendido por Sônia Alberti (2003) de que "a toxicomania como fenômeno não associado particularmente a nenhuma das três estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) não pode ser fundado sobre um mito comum". Na mesma orientação, Raul Pacheco (1999) discute a sobreposição entre toxicomania e perversão, questionando "o emprego dessas noções como conceitos absolutos que possam enquadrar em todos os casos, de modo unívoco e perfeito, o fenômeno em questão".

Não obstante essa tomada de posição bastante clara, podemos nos perguntar se quando um sujeito recorre à droga, há ou não formação de sintoma. Ou, como eu disse no início desse trabalho, que gozo está implicado nessa relação com o objeto. E ainda, de que modalidade objetual se trata. Fernando Grossi (1997), coerente com a afirmação freudiana de que a toxicomania é a narcose da neurose, diz que o sujeito faz um curto-circuito da droga, diferentemente da formação de sintoma; embora ao levantar a possibilidade de associar a droga a um ideal, não deixa de fora, "de todo", certa articulação ao pai.

Evidenciar a possibilidade de um posicionamento "não sem o pai" no toxicômano me parece importante diante de algumas colocações um tanto generalizantes. Em texto brilhante, até por seu posicionamento político contundente, o que costuma ser raro entre os psicanalistas, Ernesto Sinatra (1997) afirma que "dos amores secretos proibidos da moral vitoriana, na qual os sintomas eram dirigidos ao Outro para seu deciframento, deslizamos ao gozo cínico dos processos de 'segregação renovadas', na época da



“toxicomania generalizada”. Nesse sentido, o sujeito toxicômano, muito ao contrário do perverso, parece bem adaptado ao discurso do capitalista que, por meio de uma propaganda de cerveja, grita em coro: “Experimenta, experimental!” Entretanto, se concordo inteiramente com sua argumentação de que a droga seja apenas mais um *gadget*, penso que devemos questionar se, de fato, esse fenômeno estaria assim tão fora do campo do Outro.

Fazendo alusão e contraponto à afirmação freudiana de que o sujeito realiza um casamento com a droga, Lacan (1974), afirma que a droga permite romper o casamento com o falo, o que ele chama “pequeno-xixi”, fazendo referência ao caso Hans. Seria, então, a droga o “antiobjeto” fóbico? Talvez essa frase de Lacan dê margem às interpretações que coloquem o toxicômano num gozo “sem o falo”. Entretanto, Lacan acrescenta que “tudo o que permite escapar a esse casamento é evidentemente bem vindo”.

Nesse sentido, reafirmo minha posição afinada com a de Sônia Alberti no texto “O sintoma, a toxicomania”, quando diz que se é próprio do discurso do capitalista desmentir a castração, “o sujeito histérico pode muito bem utilizar a droga para se recusar ao trabalho, ao estudo, à produção, se isso puder ser validado como tentativa de furar o Outro, pelo discurso do Psicanalista” (p. 52).

A fala inicial do filme *Trainspotting*, nesse sentido, é bastante precisa:

Escolha a vida, um emprego, escolha uma carreira, uma família, uma TV enorme, escolha uma máquina de lavar roupa, automóveis, CDs, abridores elétricos de latas, escolha a boa saúde e o colesterol baixo, as hipotecas com prazo fixo e se pergunte em um domingo, de manhã cedo, que merda você é. Escolha se sentar para olhar programas que o tornem estúpido enquanto como comida lixo, escolha se apodrecer em um lar miserável, sendo uma vergonha os mal criados que você criou para lhe suceder. Escolha seu futuro, escolha a vida. Por que quereria isso? Escolho a não vida, escolho outras coisas, as razões? Não há razões; quem as necessita se há a heroína?

### 3) O feminino e a droga na psicanálise

Haverá, então, uma especificidade na relação da mulher com a droga? O trabalho das coordenadoras do PROMUD (Sílvia Brasileiro e Patrícia Hochgraf) apontam que sim. Embora o termo “mulher”, aqui, trate do gê-



nero feminino e não da inscrição num modo de gozo, penso que, sem pretender sobrepor a realidade do comportamento à do significante, seja possível fazer algumas articulações.

As mulheres são, atualmente, tomadas como subgrupo específico entre os dependentes químicos, e as razões que justificam tal posicionamento são bastante curiosas. Para além da peculiaridade que se deve ao lugar ocupado pela mulher na sociedade, penso que é possível encontrar outra especificidade. Uma das pesquisas, por exemplo, apontam algumas razões para a importância da psicoterapia para a mulher dependente química: baixa auto-estima, frequência de sintomas de ansiedade e depressão, maior probabilidade de ter um companheiro também dependente químico e maior probabilidade de terem sido física ou sexualmente abusadas na infância. Como características específicas, recortei algumas que considere bastante valiosas para uma interpretação psicanalítica: a preocupação com o relacionamento interpessoal, com a criação de uma identidade independente e com a maternidade. Outro aspecto bastante interessante para o qual as pesquisas apontam é o de que o uso de álcool e de drogas em mulheres parece relacionado a uma tentativa de neutralizar os sentimentos depressivos.

A partir da leitura desses dados, que certamente estão escritos em uma língua estrangeira à psicanálise, retomei a frase de Lacan a respeito do rompimento do casamento com o falo, propiciado pela droga. Em primeiro lugar, só é possível romper com algo que esteja estabelecido. Em segundo lugar, Lacan parece apontar para uma faceta pouco óbvia – a de que o acesso a Outro gozo não deixa de ser bem vindo. No caso específico da mulher, teríamos, então, que questionar as conseqüências específicas do divórcio com o falo que a droga proporciona, já que o casamento da mulher com o falo é, desde sempre, um “casamento aberto”. A mulher, como dissemos anteriormente, é “não-toda” casada com o falo. Isso faz com que a modalidade de suplência em relação à desproporção sexual seja diversa no homem e na mulher.

No seminário 20 – “Mais, ainda”, Lacan afirma que enquanto o homem coloca o objeto *a* na fantasia, no lugar do parceiro que falta, quanto à mulher é outra coisa, que não do objeto *a*, que faz suplência a essa relação (proporção) sexual que não há. É claro que uma mulher, por se tratar de um sujeito, também se relaciona com um objeto no nível da fantasia (um filho, por exemplo, ocupa esse lugar). Mas há um gozo suplementar que transborda e





que, por vezes, pode ser devastador. Quanto a esse último termo, aliás, Lacan o utilizou para falar da relação da mulher com a mãe e, posteriormente, retoma-o para diferenciar que se uma mulher para um homem é um sintoma, um homem, para uma mulher pode ser uma devastação. Colette Soler, no livro “Variáveis do fim de análise”, lembra que quando Lacan diz “devastação”, está reforçando o tamanho do alheamento da relação para acentuar exatamente o domínio do Outro pelo sujeito: um sujeito à mercê da vontade do outro. Não subestimemos, aliás, a frequência com que mulheres fazem existir “A Mulher” sob a máscara da masoquista.

Soler chamará essa tendência à submissão de “alienação do amor”, que ela diz quase “natural” nas mulheres – ressaltando, entretanto, que só há “natureza” do discurso. Ela diz: “pensamos que isso designaria aqui uma posição de alienação reforçada no desejo do outro, entendido aqui como parceiro. [...] não existem limites nas concessões que estão prontas a fazer a um homem: de seu corpo, de seus bens, de sua alma”.

A pergunta que deixei formulada na primeira parte deste trabalho, sobre o que ocorre quando a máscara de uma mulher cai, talvez agora possa ser respondida. Quando a máscara cai, nos diz Soler, é a devastação: há devastação quando a máscara que ficou sobre uma cena transborda e realiza-se como sujeito real, sujeição realizada.

A droga pode ser usada pela mulher no sentido de ajudar a realizar o casamento com o falo pela via da mascarada como, por exemplo, nos casos de utilização de drogas para emagrecer, moldando-se ao falo magro, supostamente desejado pelo homem ou nos casos em que a mulher “vai no embalo” do parceiro usuário para não decepcioná-lo. Não vou me ater a esses casos, pois eles me parecem mais óbvios. Quero me ater no segundo caso, aquele em que o uso da droga aparece como suplência ao divórcio com o falo, gerado pela queda da máscara, do lugar que se supunha ocupar para o Outro. A perda do amor, o abandono, a identificação com “alguma coisa ausente” parece se revelar naquilo que se apresenta nas pesquisas como tentativa de anular a dor, nem que seja pela via da morte.

Apresentarei, para finalizar, um fragmento de caso clínico que revela essa segunda modalidade tão feminina do uso de drogas. Trata-se de um caso bastante complexo, com o qual trabalhei durante muitos anos. Ele não será apresentado com todos os seus meandros, mas apenas um recorte, bastante específico, que revela o gozo implicado na relação dessa mulher com a droga.



*Fenix* é seu nome de gozo. Nome próprio que ela mesma escolhe ao “renascer” no inferno. Dezesseis anos, virgem, é assim que responde à demanda do outro – o dono do bordel – para que invente um nome mais apropriado a seu novo papel, o de puta! É também com esse nome, dez anos depois, que ela marca uma hora comigo. A analista que ela sabe ser amiga da mulher traída. Esse é o meu lugar, no início.

Do que essa moça vem se queixar? Da traição da qual julga ser vítima. Do ódio que sente. Do desejo de vingança. Em suma: da loucura. Louca – é assim que ela se apresenta ao mundo, na escolha forçada que teve de fazer para separar-se do Outro do horror. Já foi ladra, puta, agora é louca. Cria várias situações embaraçosas e perigosas no laço social. Nesse jogo de cena alucinado e alienado, os homens são uns “porcos imundos” e as mulheres, umas “vagabundas”. Mas todos, sem exceção, “traidores”.

Curiosamente, o que *Fenix* chama de depressão – estado que a faz emagrecer, perder muito cabelo e a impulsiona a me ligar – tem início quando ela se separa do marido. Ele, um oriental, conheceu-a como prostituta. Levou-a para casa, na condição de que continuasse saindo com outros homens. Depois quis descartá-la, mas ela, com suas loucuras, não permitiu. Quando engravida, sofre ameaças de que se a criança não apresentasse traços orientais seria expulsa de casa. O filho nasce loiro, de olhos azuis, mas é reconhecido e ganha o sobrenome do pai. Ela mesma, na verdade, torna esse homem pai, de quem dependente financeira e emocionalmente.

Após essa tentativa de separação, começa a namorar um garoto mais novo, sem recursos financeiros, mas com quem, no entanto, consegue a satisfação sexual que há muito tempo não tinha mais. Essa nova condição é insuportável. Primeiro porque, como dizia, “esse garoto não é para mim, eu sou muito cara”. Segundo, porque o marido inicia, simultaneamente, um caso com uma prostituta. Ela não suporta essa “traição”, ainda mais com alguém que ele foi buscar no mesmo lugar de onde a havia tirado, anos atrás.

Na relação transferencial, o paradoxo entre as posições de traída e traidora evidencia-se. Faz questão de dizer, a cada sessão, que não sabe se vai continuar. Prefere ligar para confirmar, deixando-me sempre à espera. Após a terceira entrevista, liga dizendo que vai se matar. Digo que venha imediatamente ao consultório, mas é inútil. Ela toma vários calmantes com *whisky* e diz: “Já tomei, agora não tem mais jeito”. De fato, ela fica hospitalizada para fazer lavagem estomacal.



Recuperada, retoma as entrevistas: “Eu só queria atenção, no fundo sabia que não ia morrer”. Faz uso constante de tranqüilizantes misturados com álcool e também o uso de maconha, embora diga que é “careta” e detesta drogas. Diz que usa drogas “para esquecer” e por querer morrer. Quase sempre se droga sozinha, à noite, em sua casa. A cada sessão, anuncia um segredo, que nunca é revelado imediatamente: diz que foi puta, que não sabe de quem é o filho e, finalmente, após três meses, revela: “Eu não me chamo *Fenix*”. Mas recusa-se a dizer seu nome próprio, impronunciável. Há sempre um tom desafiador e até ameaçador em seu discurso. Quer saber se não tenho medo dela e por que ela “tem que vir” (*sic*). Sempre respondo que se quiser vir, será bem vinda. Mas a desconfiança é grande: “Como posso saber que você não vai me trair? Como saber se não está interessada só no meu dinheiro?” Os sonhos transferenciais, no entanto, revelam outra cena: em quase todos os sonhos, ela está deitada no colo da analista e a analista está grávida. Ao mesmo tempo, ela aparece desprezando-a, expulsando-a, dando mais atenção a alguma “outra” criança. São esses sonhos que a trazem de volta.

Durante o tratamento, a “loucura”, aos poucos, foi cedendo, escorregando pelo desfiladeiro dos significantes. A consistência imaginária e especular dos semelhantes ganhou banho simbólico. Com isso, sua fúria pôde ser aplacada. Decide retomar o casamento e consegue se matricular num curso profissionalizante no qual tem que usar seu verdadeiro nome e sustentá-lo. Ao final desse curso, pela primeira vez na vida, tem uma profissão. Durante esse período, pára de usar tranqüilizante e passa a praticar esportes.

Apesar desses benefícios aparentes, o nome *Fenix* não pode ser abandonado na relação transferencial. Ao contrário, ele indica a atualização fantasmática promovida pela presença do analista: “Aquela pessoa” – como ela se refere a si mesma, para não pronunciar seu nome de registro – viveu no horror: miséria, ignorância, crianças mortas, crimes etc. E vivenciou, principalmente, as traições da mãe “devastadora”. Mas a admirava, afinal, sustentou os filhos na falta do dinheiro que o pai não levava para casa. Sentia ódio pela posição de testemunha na qual a mãe a colocava.

Falava sobre os homens da mãe: aqueles “porcos imundos”, que também olhavam para ela e a desejava. Ainda havia a ameaça materna: se contasse ao pai, à noite viria o fantasma de um homem com olhos vermelhos para pegá-la. Verdadeira encarnação do íncubo, revelador da posição de objeto da mulher. Passava a noite com o cobertor sobre a cabeça, suando lor



e morrendo de medo, hábito que só perdeu há pouquíssimo tempo. O pai, expulso da cama materna, a chamava para dormir com ele. Mas ela pressentia desejo no convite paterno, o que lhe provocava a mesma repugnância que sente hoje pelo marido, colocado no lugar do pai/homem que quer uma puta em casa. Preferia dormir com a mãe, no lugar dos outros bebês perdidos. O nascimento de uma irmãzinha que “vinga”, e por quem se sente “trocada”, a subtrai da cama materna e desse lugar simbólico.

A série das trocas se inicia aqui. Torna-se um errante. Nessa troca entre duas moedas de mesmo valor, prefere o horror ao horror: para não revelar sua identidade, da qual se envergonha, mente para obter amor. Oferece aquilo que não tem a quem não é. Embora já tenha um deslocamento de “oferecida em troca” para “oferecer algo em troca”, ainda não havia “se oferecido em troca”. Mantinha-se virgem, embora soubesse que poderia ser ajudada se desse o que eles queriam em troca – o seu corpo. Mas não era disso que fugira? Após vários anos, entretanto, cumpre finalmente o destino oracular que a demanda materna e o zelo paterno anunciavam: deitar-se com qualquer homem em troca de dinheiro.

Quando começa a revelar esses “segredos”, a dor, como ela diz, fica insuportável. Há várias idas e vindas com o marido, por quem sente muito ódio, mas, ao mesmo tempo, dirige uma demanda incessante de reconhecimento. Volta a usar remédios para dormir, álcool e éter obtido nos hospitais onde agora faz estágio. Um dia, vai completamente dopada de tranquilizantes à sessão. Digo que não vou mais atendê-la naquele estado. Ela ironiza, diz que não mando na vida dela, que usa o que quiser e que se quiser se matar ninguém vai impedir. Respondo que tudo aquilo é verdade, mas na minha frente, não.

Na sessão seguinte, diz que precisa se dopar “para esquecer” (*sic*) ou, ao menos, “suportar a dor” (*sic*). Faço uma intervenção um tanto arriscada e não muito comum na minha clínica, e que, de algum modo, reforça e consente com sua alienação ao Outro, validando, ao mesmo tempo – como propôs Sônia Alberti – sua tentativa de furá-lo. Digo que realmente sua história é muito triste, muito difícil de suportar, que jamais uma criança deveria ter passado por tudo aquilo, mas que apesar de tudo, ela havia sobrevivido e tratava-se, então, de pensar o que queria fazer com sua vida a partir daquele momento. Afirmo que, talvez, os remédios até pudessem ajudá-la a suportar o sofrimento, mas, para isso, ela teria que procurar um médico e tomá-los de forma



adequada. Essa intervenção pouco ortodoxa tem um efeito surpreendente: ela realmente procura uma psiquiatra, comparece à consulta com seu verdadeiro nome e passa a tomar antidepressivo do modo como é prescrito.

Ao retomar a história das traições maternas e contar novamente fatos já tantas vezes relatados, revela que, ao acompanhar a mãe nos encontros com seus homens, além de testemunha – posição que a colocaria como vítima – era também cúmplice: essa revelação é feita aos prantos, uma raríssima concessão de fragilidade na situação transferencial, tanto quanto na vida: “eu me divertia à custa daqueles homens. Aceitava seus presentes, eles me levavam em parques de diversão e eu gostava”.

O gozo extraído da traição materna a colocava como cúmplice da mãe em relação ao pai e a impossibilitava de aceitar sua oferta de amor: era ela mesma a traidora. Ao mesmo tempo, pôde finalmente questionar se seu pai era mesmo vítima do engano materno e depara-se com a natureza da montagem fantasmática: o pai, assim como seu marido, talvez soubesse que a mãe o traía. O horror dessa verdade que, como diz Lacan, é irmã do gozo, era ao mesmo tempo velado e revelado no entorpecimento que a fazia esquecer.

## Referências bibliográficas

ALBERTI, Sônia. O Sintoma, a toxicomania. *Stylus Revista de Psicanálise*, n. 6 - Angústia e sintoma. Associação Fóruns do Campo Lacaniano (AFCL). Rio de Janeiro, 2003.

GROSSI, Fernando Teixeira. & NOGUEIRA, Cristina Sandra Pinelli. Novas Considerações sobre a abordagem psicanalítica no tratamento da toxicomania. In: INEN, Clara Lúcia. & BAPTISTA, Marcos (Org.). *Toxicomanias – abordagem clínica*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_ (1975). *RSI*. Versão não editada.

LEGUIL, François. Mais-além dos fenômenos. In: LACAN, Jacques. e outros. *A querela dos diagnósticos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.



LOMBARDI, Gabriele. A psicanálise não é uma neurociência. In: *Heteridade 2 – 2001 A Odisséia Lacaniana*. Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF), 2001.

PACHECO, Raul. Drogas: um mal-estar na cultura contemporânea. *Psicanálise e Universidade*, n. 9 e 10. São Paulo: EDUC, 1998/1999.

PRATES, Ana Laura. *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Hacker, 2001.

SOLER, Colete. *Variáveis do fim da análise*. Campinas: Papirus, 1995.



## The feminine and the drugs in contemporary

### Abstract

The work starts from the questioning in respect of the possibility to think in a specificity of the relation between the woman and the drug, such as pointed by some researches that put the chemically dependent women as a specific subgroup. It verifies that the term woman, in this case, refers to the female gender. It presents, then, the psychoanalysis' point of view on the questions of the human "sexualization", which, from Freud, and above all, from the re-reading proposed by Lacan, articulates the woman to a given inscription in a not-all phallic jouissance way. Without intending to overtake the behavior reality by the signifier's, it is proposed, however, some possible articulations between the feminine and the drugs from the Lacan's affirmation (1975) that the drug allows to break the marriage with the phallus. From this hypothesis, it presents a clinical case that permits to follow the place of the drug in the libidinal economy of a woman.

### Keywords

Femininity; drug; woman; chemical dependency; psychoanalysis.

Artigo recebido em: 20/9/7

Aprovado para publicação em: 5/10/7